

APRESENTAÇÃO

A *Revista Pontos de Interrogação*, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, com o presente número temático dedicado a questões atinentes às representações literárias e culturais marginais contemporâneas, dá mais um passo rumo a se consolidar como veículo de difusão de pesquisas no campo da crítica cultural, servindo igualmente à fortificação do Programa. A chamada exortando à proposição de artigos dava um enquadramento mais propriamente literário:

A concepção da obra literária como manifestação mais elevada do espírito humano — difundida desde o idealismo —, foi endossada pelo romantismo literário, que acrescentou a conclusão “lógica” de que, para uma tal obra vir a existir, ela necessitaria de um autor gênio. Esta concepção de obra e de autor, apesar de, desde então, ser esporadicamente questionada por um ou outro movimento de vanguarda, mantém-se até a contemporaneidade amplamente difundida, seja nos meios de comunicação, seja entre parcela preponderante dos docentes, seja ainda entre gestores e executores de políticas públicas para a área literária e cultural. No Brasil, importante movimento de questionamento de tal concepção veio, desde final dos anos 90 do século passado, de um grupo de escritores periféricos que autodenominou a literatura que fazia de “literatura marginal”, provocando amplo debate desde então.

O conjunto dos trabalhos reunidos neste número arrecada subsídios para o que seja “marginal” no momento atual, a partir de diferentes pontos de vista.

No primeiro artigo, “Devir-Brasil: oralização da literatura”, Luciano Barbosa Justino, ao constatar uma nova configuração entre escrita e cultura no contemporâneo, demonstra que, aquilo que foi um dos projetos da modernidade ocidental — a saber, a proposição e o endosso da obra de arte autônoma —, não mais é sustentável. Ter-se-ia uma literatura “pós-

autonomia”, para além da auto-referencialidade, em que realidade e textualidade não podem mais ser par excludente, em que há preponderância de um viés político. Esta literatura Justino nomeia de “literatura de multidão”, em cujo bojo a perda da autonomia e a perda da literariedade do literário vão justamente arrecadar novas possibilidades de sua potência; portanto, nada de lamúrias em torno do pretense fim da literatura! Trata-se antes de entender o que está em movimento.

Em “O avesso da marginalidade: relendo João Antônio pelo debate da literatura marginal”, Wagner Coriolano de Abreu dá conta de importante autor da cena literária brasileira, sobre cuja figura — mais do que propriamente sobre sua obra — recaiu a alcunha de “escritor dos marginalizados”. O escritor recusava o rótulo e o estudo de Wagner procura entender por que razões tenha se sedimentado tal enquadramento de autor e obra. Para tanto nos traz a compreensão que o termo marginal possuía na década de setenta, traçando paralelos com a ressignificação que recebeu na de noventa e no início deste século.

Eduardo Pereira Lopes, em seu artigo empreende estudo da obra do escritor baiano Enoch Carneiro (Uibaí, 1957). Para tanto, empreende discussão em torno do papel do intelectual na contemporaneidade, principalmente do escritor e intelectual social, cultural e politicamente engajado. Para sua análise, Eduardo propõe o conceito de “intelectual de comunidade”, que reserva para o tipo de escritor, como o Enoch, que assume para si um compromisso tanto para a sua literatura, para com seus leitores, quanto para com a sua comunidade de origem.

Geralda Medeiros Nóbrega e Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega trazem para discussão “a poética da violência” encontrada na obra do autor de peças de teatro e escritor pernambucano Hermilo Borba Filho (Palmares, 1917 — Recife, 1976), cuja obra há já algumas décadas está esgotada. Empreendem as autoras análise da forma como este — tão importante quanto esquecido — autor representava em sua obra romanesca a violência empreendida pela instituições — essa tão patente característica de nossa sociedade.

No artigo “A voz híbrida de Gloria Anzaldúa: do marginal à nova mestiça chicana”, Ana Cristina dos Santos aborda a obra *Borderlands/La frontera — The new mestiza* (1987), da escritora chicana Gloria Anzaldúa. Em sua análise da obra — que figurativiza o viver na fronteira, seja ela real, como no caso do limite entre México e Estados Unidos, seja ela simbólica, como o fato de a escritora trazer as diversas marcas que a movem para a marginalidade —,

despontam conceitos caros para a compreensão das dinâmicas do contemporâneo, tais como, mobilidade, fluxos e fronteiras, que geram uma literatura que vai trazer a polivocidade da hibridez.

Márcia Moreira Custódio e Alex Fabiano Correia Jardim, em seu artigo, fazem uma análise da relação entre literatura, loucura e escrita feminina. Tal relação é inaugurada com a publicação, em 1965, de *Hospício é deus — diário I*. A obra, de autoria da escritora mineira Maura Lopes Cançado (1929-1993), é considerada o marco de início da escrita de autoria feminina louca na literatura brasileira. Além da temática da loucura, a obra também foi escrita dentro de um sanatório — diagnosticada louca —, o que duplamente vai caracterizar a escrita de Cançado como sendo marginal.

Em “Um fio de voz tecendo biografias ficcionais”, Maria Zeneide de Macedo Melo Jorge e Rita de Cássia Silva Dionísio analisam a obra *Vésperas* (de 2002), da escritora catarinense Adriana Lunardi (Xaxim, 1964), que narra biografias de poetas e escritoras, todas mulheres. O foco da análise é a relação entre biografia e ficção, que é nomeada por biografia ficcional, no rumo de compreender a representação literária de autoria feminina. Outro aspecto tratado no artigo é a relação da escrita de autoria feminina com a morte.

Em seu artigo, Auricélio Ferreira de Souza faz uma análise de um tipo de publicação possibilitado pelas tecnologias, notadamente o audiolivro. Trata-se da versão neste suporte de texto anteriormente impresso da obra *Contos negreiros* (impresso, de 2005; audiolivro, 2009), do escritor pernambucano Marcelino Freire. Em sua argumentação, Auricélio define o que seja a “performance de voz subalterna”, dando conta das instâncias de exclusão/marginalização e de seus efeitos no campo da representação artística.

Os dois textos seguintes são relatos de performances.

O primeiro deles, de autoria de Flávio Marzadro e Francisco Antônio Zorzo, relata evento artístico performático, ocorrido em agosto de 2013 no centro histórico de Salvador, mais especificamente na Ladeira da Montanha — um dos acessos entre a cidade baixa e a cidade alta de Salvador, utilizado antes de o Elevador Lacerda ser construído em fins do séc. XIX. Na atualidade a ladeira é pouco utilizada, tendo sido o palco do evento que se propôs a dialogar com os modos como diferentes grupos sociais vêm e territorializam a ladeira. Dentre outros, o relato estabelece relações entre “arte para o público” e “arte pública”.

Já o coreógrafo e bailarino Frank Kurt Händeler traz relato sobre performance realizada na Universidade Federal da Bahia, em que se tematizou corpo, dor, prazer, homofobia, dentre outros. No texto, Händeler nos informa do processo criativo, da sua execução performática, da reação da assistência, bem como ainda a fundamentação teórica utilizada. Trata-se de um texto híbrido, que alterna trechos da performance com conceitos da antropologia da performance.

O último artigo, de Roberto Henrique Seidel, tece possíveis relações entre a assim auto-denominada “literatura marginal” encabeçada por Ferréz, o “movimento mangue”, a “poesia marginal” ligada ao contexto deste movimento e o “rap”. Evidencia que a representação das subjetividades marginais urbanas dentro desses “movimentos” é fortemente marcada pela violência, seja ela de ordem simbólica, seja ela ainda de ordem imaginária. Da análise resulta uma linha “evolutiva” que vai de uma “orfandade simbólica” — em que o sujeito marginal/subalterno pretensamente se encontraria — rumo ao estabelecimento de uma “fratria”, no sentido de uma nova cidadania urbana.

Por último, Calila das Mercês e Raquel Galvão nos trazem uma resenha da obra *Júlio Romão da Silva: entre o formão, a pena e a flecha: fortuna da obra de um escritor negro brasileiro* (Teresina: EDUFPI, 2012), organizada pelo teatrólogo Aci Campelo e pelo professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) Élio Ferreira. Júlio Romão da Silva (Teresina, 1917) pode ser encarado como um intelectual negro brasileiro. Escreveu teatro, foi etnolinguista e jornalista. Além disso, conforme os organizadores, exerceu “crítica literária afrodescendente” no âmbito do Movimento da Negritude Brasileira. A obra reúne estudos sobre Romão, bem como obras dele.

O espectro dos artigos aqui reunidos contempla diferentes visadas do que seja a representação do “marginal” neste momento. Desejo uma instrutiva leitura.

Roberto Henrique Seidel (UEFS)

Luciano Barbosa Justino (UEPB)